

## **Sementes de outros futuros: práticas de cuidado e arranjos cosmopolíticos na construção social do bem nascer**

**Nayara Rudeck Oliveira Sthel Cock<sup>1</sup>**

**Bruna Evangelista Rosa<sup>2</sup>**

Em um país onde o nascimento se tornou um campo de violações e disputas, a assistência ao parto ainda opera sob lógicas coloniais e racistas. É urgente pensar em outros modos de cuidar. Este trabalho propõe um deslocamento: pensar em saberes como sementes, assumindo o cuidado como forma de sementeira de mundos. Com inspiração etnográfica e feminista, nossas análises partem da experiência de participação no I Encontro Nacional do Movimento de Parteiras Tradicionais do Brasil, refletindo sobre as demandas de direito das parteiras tradicionais e a força das articulações coletivas. Perguntamos: como criar espaços de coexistência entre o paradigma biomédico e os arranjos cosmopolíticos do cuidado tradicional? Inspirar-se nas sementes é insistir na dimensão afetiva do cuidado: em alianças com um mundo vivo. Nos atentamos às redes de raízes entrelaçadas no solo que lembram que a política do nascimento é também política de terra, memória e resistência. Pensar o parto é pensar o mundo – e seus possíveis renascimentos. Assim, somos convocadas a abrir caminhos para que diferentes saberes coexistam. Ver o nascimento como disputa implica reconhecer que cada corpo carrega um enraizamento político e epistêmico. As práticas de cuidado gestadas nos territórios são formas legítimas de conhecimento, ancoradas em cosmologias onde o nascer está ligado a uma rede viva de relações com a terra, a água, as plantas e as comunidades. Trata-se de legitimar saberes não como resquícios, mas como potências de futuros possíveis. Em tempos de colapso, preservar as sementes é projetar futuros e cultivar alianças para o reflorestamento dos mundos.

---

<sup>1</sup> Instituto de Medicina Social Hésio Cordeiro – Departamento de Política Planejamento e Administração em Saúde – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

<sup>2</sup> Instituto de Medicina Social Hésio Cordeiro – Departamento de Ciências Humanas em Saúde – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

# 10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

**PRÁTICAS GERMINANTES**

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Palavras-chave: Parteiras Tradicionais, Práticas de Cuidado, Saúde Comunitária, Políticas de Saúde.

## *Quando o cuidado é semente: nascimento, território e futuro*

No Brasil, nascer é atravessar um território de marcadores sociais, desigualdades históricas e disputas de sentido. A forma como se dá a chegada de uma vida ao mundo diz muito sobre o modo como organizamos nossos valores, nossas políticas e afetos. A cena do parto — em sua maioria confinada em espaços hospitalares e submetida a procedimentos impessoais — revela um projeto de sociedade: medicalizada, hierárquica, colonizada e racializada..

Entre tabelas de cesáreas, protocolos institucionais e fluxos tecnocráticos de assistência, o protagonismo das mulheres, sobretudo daquelas que pariram e cuidaram fora dos centros urbanos e universitários, foi sendo silenciado. Parteiras tradicionais, rezadeiras, curandeiras — mulheres cuja prática se ancora em vínculos com a terra, com o corpo e com a ancestralidade — vêm enfrentando há décadas os efeitos de uma modernização que trata seus saberes como resquícios do passado.

Este texto propõe um deslocamento: compreender o parto como um campo político, ético e cosmológico, onde distintas lógicas de cuidado coexistem. A partir de uma abordagem etnográfica feminista e de inspiração contracolonial, nos aproximamos das práticas das parteiras tradicionais, reconhecendo sua força e sua capacidade de articular resistência e reconfigurar lógicas dominantes de cuidado.

Para isso, somos guiadas pela imagem das sementes: elas condensam a ideia de futuro e continuidade, mas também de vulnerabilidade e aposta. Sementes precisam de tempo, de cuidado, de solo fértil. São guardiãs da vida em potência. Assim como os saberes tradicionais, carregam histórias silenciosas, perseguidas e persistentes. Ao pensar o cuidado como semeadura, refletimos sobre sua capacidade de produzir mundos. Como criar condições para que os arranjos cosmopolíticos do cuidado — aqueles que envolvem relações entre humanos, plantas, território e espiritualidade — possam florescer sem

# 10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

**PRÁTICAS GERMINANTES**

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

serem sufocados pelo monocultivo biomédico? Como cultivar espaços de coexistência entre o paradigma biomédico e os arranjos cosmopolíticos do cuidado tradicional?

A essas questões soma-se o que Sally Graham e Robbie Davis-Floyd (2021) denominam “paradigma da parceria”, uma perspectiva que busca criar pontes entre sistemas de conhecimento distintos em um diálogo baseado na reciprocidade e no reconhecimento mútuo. Essa perspectiva inspira a construção de espaços interculturais de cuidado, onde diferentes cosmologias possam coexistir sem subordinação.

Nesse horizonte, a noção de cosmologia como abordagem para o estudo das concepções de parto e nascimento permite compreender o conjunto de valores, racionalidades, subjetividades e técnicas que compõem uma determinada visão de mundo. Trata-se de observar a cosmovisão que sustenta práticas e hábitos construídos com base em uma cosmologia específica. Essa perspectiva possibilita analisar o parto não apenas como um evento fisiológico, mas como uma experiência sociocultural e espiritual, em relação contínua com os outros e com o todo — isto é, com o cosmos. (NASCIMENTO; KINGESKI, 2025)

Este trabalho se inscreve nesse campo de inquietação. A partir da escuta sensível de parteiras em contextos diversos, buscamos observar com cuidado práticas que, mesmo à margem das instituições, resistem e germinam. Em tempos de colapso ambiental, social e simbólico, voltar a olhar para o nascimento — e para quem cuida dele com as mãos na terra — é também um gesto de esperança: uma convocação a reflorestar futuros.

## **O percurso como método: presença e escuta para a semeadura de mundos**

Nossas reflexões partem da experiência de participação no I Encontro Nacional do Movimento de Parteiras Tradicionais do Brasil (MPTB), realizado de 30 de abril a 5 de maio de 2025 em Juazeiro do Norte (CE). O evento contou com a presença de mais de 80 parteiras de todas as regiões do país, além de representantes de movimentos sociais,

# 10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

**PRÁTICAS GERMINANTES**

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

organizações parceiras, pesquisadoras e apoiadoras(es), configurando-se como um espaço de articulação, celebração e reafirmação de saberes.

Nos orientamos por uma presença implicada, inspiradas em metodologias feministas e em abordagens etnográficas que enfatizam a coprodução de saberes (hooks, 1994; RIVERA CUSICANQUI, 2010; SEGATO, 2016; SMITH, 2012). A participação no encontro representou tanto um exercício de escuta quanto de reconhecimento: um mergulho nas cosmologias do cuidado e nas estratégias políticas que apoiam a luta pela valorização e visibilidade das parteiras tradicionais. Mais do que descrever práticas, buscamos compartilhar contextos, territórios e afetos, reconhecendo a dimensão política dos espaços onde o cuidado se cultiva como forma de resistência.

As falas, os cantos, as rezas e os rituais compartilhados revelaram modos de existência fundamentados na ancestralidade. O encontro reafirmou a potência desses saberes e o protagonismo das parteiras tradicionais em defesa da vida, da saúde das mulheres e das comunidades. Diante das inúmeras violências institucionais, epistemológicas, raciais e de gênero, emergiu com força o compromisso coletivo com a autonomia, a resistência e a continuidade dos modos de cuidar fortemente enraizados nos territórios.

As reflexões aqui apresentadas resultam dessa imersão etnográfica durante os cinco dias de convívio no encontro. A presença nos espaços comuns nos aproximou das estratégias políticas criadas para sua continuidade e resistência. A escuta sensível ampliou o conhecimento sobre saberes que muitas vezes são invisibilizados, evidenciando as inter-relações entre cuidado, espiritualidade, territorialidade e resistência social. Desse modo, as discussões desenvolvidas aqui não decorrem de uma análise distante, mas emergem de um processo de (co)aprendizagem e observação participante, em que o percurso se constitui como método de produção de conhecimento.

Esse percurso metodológico, portanto, se constrói como experiência de partilha e reciprocidade, em que o conhecimento se dá na relação e na presença. Assim, a pesquisa é compreendida como um gesto de semeadura: cultivar relações, registrar experiências e nutrir futuros possíveis.

## **Território e relações vivas: a ecologia do cuidado**

“Quando a gente rompe os laços que nos ligam à Terra, deixamos de fazer parte daquilo  
que chamamos de humanidade.”

*Ailton Krenak, Ideias para adiar o fim do mundo, Companhia das Letras, 2019, p. 15.*

O cuidado ao nascer, quando olhado a partir da perspectiva das parteiras tradicionais, não é apenas uma prática centrada no corpo humano. Ele se insere numa rede mais ampla de relações vivas, que inclui a terra, a água, as plantas, os animais e os ciclos naturais. Nesse sentido, o nascimento deixa de ser um evento isolado e se transforma em momento de interação com um ecossistema de saberes, afetos e responsabilidades. O cuidado se torna, então, uma prática cosmopolítica, em que a vida humana é entrelaçada com a vida do mundo.

O território exerce papel central nesse arranjo. Ele molda e sustenta os saberes e práticas das parteiras: cada planta, cada rio e cada cena de parto carrega consigo histórias, memórias e regras de coexistência que orientam a ação. Por exemplo, certas plantas medicinais são colhidas apenas em determinadas estações, respeitando ciclos naturais que garantem sua eficácia e sustentabilidade. O solo e a água são tratados como guardiões da vida, e práticas como a preparação do ambiente para o parto podem incluir rituais de agradecimento ou proteção, mostrando que o cuidado se estende para além do corpo da gestante.

Essa visão amplia a noção de cuidado para uma *ecologia das relações*, na qual a vida humana depende da vida não humana. O corpo que nasce está em constante diálogo com o ambiente, e as práticas das parteiras se articulam com essas redes, cultivando responsabilidade, reciprocidade e respeito. Ao reconhecer essas interdependências, é possível compreender que os saberes tradicionais não são apenas técnicas, mas formas de conhecimento profundamente enraizadas em territórios e cosmologias.

Exemplos etnográficos ilustram essa ecologia viva do cuidado: parteiras que consultam o comportamento da lua para identificar sinais de saúde da gestante, que realizam rituais antes e depois do parto para honrar os elementos naturais, ou que ensinam às mulheres gestantes a sentir como os ciclos da natureza influenciam seus corpos. Essas

# 10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

**PRÁTICAS GERMINANTES**

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

práticas reforçam laços afetivos com o mundo, construindo um cuidado que é político, ético e ambiental.

Ao refletirmos sobre essa dimensão, percebemos o nascimento para além de uma experiência individual, mas como uma oportunidade de cultivar relações entre mundos vivos, mostrando que políticas de cuidado mais justas e plurais devem considerar as interdependências entre seres humanos e o ambiente que os sustenta. E quando assumimos o território como parte viva do cuidado, compreendemos que nascer é também um ato ecológico e político. Cada gesto das parteiras — colher uma planta, preparar um ambiente, invocar uma proteção — reinscreve o corpo humano no tecido do mundo, afirmando que a saúde e a vida não se sustentam fora das relações que as nutrem. Cuidar, nesse sentido, é cultivar mundos: preservar as águas, escutar os ciclos, respeitar os ritmos da terra. É uma prática de continuidade entre gerações, em que o futuro se semeia no presente por meio de gestos cotidianos de afeto e reciprocidade. Assim, o cuidado ao nascer revela-se como prática de regeneração — das relações, dos territórios e das possibilidades de existir juntos.

## **Políticas de reconhecimento e resistência**

As práticas tradicionais de cuidado enfrentam múltiplas barreiras, que se manifestam em diferentes níveis institucionais, sociais e médicos. No plano legal e médico, muitas vezes há uma regulamentação rígida que marginaliza ou criminaliza as atividades das parteiras tradicionais, limitando sua atuação e dificultando o acesso das famílias a saberes ancestrais de cuidado e, muitas vezes, até mesmo ao direito de registro civil. A invisibilização desses saberes, tanto no discurso institucional quanto nas políticas públicas, reforça estigmas e reduz a legitimação social dessas práticas, reproduzindo um monopólio do conhecimento biomédico.

Essa marginalização pode ser compreendida à luz da noção da invisibilização epistemológica, que descreve a forma como certos saberes e práticas são desvalorizados ou apagados em sistemas de conhecimento dominantes (CARNEIRO, 2005). No caso dos saberes das parteiras tradicionais, muitas vezes baseados em experiências comunitárias, observação da natureza e transmissão oral, são tratados como “não científicos” ou



inferiores ao conhecimento biomédico. Essa invisibilização não se limita à esfera técnica, mas tem raízes históricas e políticas profundas.

As hierarquias de conhecimento criadas pelo colonialismo desvalorizam saberes locais, indígenas, comunitários e ancestrais (que são transmitidos pela experiência e pela oralidade), e impõem uma lógica de controle e padronização (RIVERA CUSICANQUI, 2010) que persiste nas políticas contemporâneas de saúde. As práticas tradicionais de parto, desse modo, são invisibilizadas por sistemas que privilegiam intervenções biomédicas e desconsideram as experiências situadas de cuidado.

Ao considerar as noções de gênero, raça e classe e suas interseções na produção e legitimação do conhecimento (hooks, 2019), avançamos na compreensão desse fenômeno, evidenciando por que parteiras — frequentemente mulheres negras, indígenas, ribeirinhas, do campo, de periferias urbanas, entre outras identidades historicamente marginalizadas socialmente — estão sujeitas a marginalização múltipla, que articula opressões sociais, culturais, territoriais e epistemológicas.

Em resposta a essas barreiras, emergem estratégias de resistência articuladas coletivamente. Redes de parteiras tradicionais funcionam como espaços de troca, aprendizado e fortalecimento comunitário, permitindo a circulação de saberes e experiências. Movimentos feministas contracoloniais também se tornam aliados na legitimação dessas práticas, evidenciando a importância do cuidado como um ato político e cultural. Essas articulações possibilitam a criação de iniciativas que promovem a visibilidade, proteção e valorização das práticas tradicionais frente a um sistema hegemônico.

O I Encontro Nacional do MPTB exemplifica de maneira concreta como estratégias coletivas podem fortalecer a transmissão de saberes ancestrais. Ao reunir parteiras de diferentes regiões, contextos e trajetórias, o encontro proporcionou um espaço de troca de experiências, atualização de práticas e articulação política, fortalecendo a prática cotidiana do cuidado. Quando essas mulheres se encontram e partilham sua força e seus saberes, desafiam o monopólio do conhecimento biomédico e criam estratégias de

resistência epistemológica que asseguram a continuidade, legitimidade e visibilidade das práticas tradicionais no cenário nacional.

Além da resistência, é fundamental reconhecer o potencial das práticas tradicionais como potência de futuro. Mesmo que ainda marginalizadas, essas práticas oferecem caminhos para repensar políticas de cuidado mais inclusivas, plurais e interculturais. Elas inspiram modelos que dialogam com diferentes saberes, promovendo o respeito às especificidades culturais e o fortalecimento de uma ecologia do cuidado que integra dimensões humanas, ambientais e espirituais. Entre os encaminhamentos construídos coletivamente no encontro, destaca-se a urgência de políticas públicas que reconheçam e protejam as parteiras tradicionais, assegurem espaços de formação intercultural e incentivem o diálogo entre sistemas de cuidado distintos, sem hierarquização ou imposição de um modelo único.

### **Considerações Finais**

Esses processos de resistência e legitimação revelam que as práticas tradicionais de cuidado não são apenas relicários do passado, mas sementes vivas que germinam conhecimento, fortalecem comunidades e oferecem alternativas concretas à lógica hegemônica do cuidado biomédico. Ao visibilizar essas práticas, reconhece-se a diversidade de saberes existentes e a importância de aproximar experiências situadas de cuidado dos espaços de decisão política, educacional e sanitária. A articulação entre redes de parteiras, movimentos sociais e políticas públicas mostra que a resistência se dá não apenas na preservação do saber, mas na sua multiplicação e compartilhamento, permitindo que conhecimentos historicamente excluídos cultivem novos lugares de poder simbólico e prático no cenário nacional.

A valorização das práticas tradicionais pode ser entendida como um processo de semeadura: cada encontro, cada transmissão de saber e cada mobilização comunitária são



# 10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

**PRÁTICAS GERMINANTES**

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

sementes lançadas que, ao florescer, ampliam possibilidades de cuidado, aprendizagem e transformação social. O reconhecimento institucional dessas práticas, aliado à criação de espaços de formação e diálogo, protege as parteiras e seus saberes, ao mesmo tempo em que favorece a construção de políticas de saúde mais inclusivas, sensíveis às realidades locais e capazes de nutrir trajetórias de cuidado plurais.

Ao considerar os saberes ancestrais como sementes de futuro, reafirma-se que o cuidado materno-infantil pode ser pensado como um projeto coletivo, ético e político, que cultiva a vida e a saúde de maneira integrada, respeitando a diversidade de corpos, culturas e trajetórias. Assim, o cuidado deixa de ser apenas uma prática isolada e se torna um terreno fértil para o florescimento de novos modos de estar, cuidar e construir comunidade.

## Referencias Bibliográficas

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 12 fev. 2025.

GRAHAM, S.; DAVIS-FLOYD, R. Indigenous Midwives and the Biomedical System among the Karamojong of Uganda: Introducing the Partnership Paradigm. *Frontiers in Sociology*, v. 6, p. 670551, 18 jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fsoc.2021.670551>. Acesso em: 5 mar. 2025.

HOOKS, BELL. *Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom*. Routledge, 1994.

# 10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

**PRÁTICAS GERMINANTES**

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

HOOKS, Bell. Teoria feminista: da margem ao centro. Tradução de Helena Silveira. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2019.

KINGESKI, Thayane Cazallas do Nascimento. *Cosmologias dos Nascimentos*. Florianópolis: Folha Editora, 2025. 1. ed.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 15.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010. 80 p. ISBN 978-987-25185-4-7.

SEGATO, Rita Laura. La guerra contra las mujeres. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016. 188 p. ISBN 978-84-946624-5-3.

SMITH, Linda Tuhiwai. Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples. 2. ed. London; New York: Zed Books, 2012. 276 p. ISBN 978-1-84813-849-5.